

ARTIGOS

Lourenço Filho e a literatura infantil e juvenil (1942-1968): fundação de uma tradição

Estela Natalina Mantovani Bertoletti¹

Resumo

Neste texto, faço considerações a respeito de aspectos da produção *sobre e de* literatura infantil e juvenil de Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), publicada entre 1942 e 1968, a fim de compreender a relação entre essa produção e o lugar ocupado por Lourenço Filho no âmbito da história da literatura infantil e juvenil brasileira. Embora essa produção seja ainda pouco conhecida e explorada, parto do pressuposto de sua importância, dada a significativa influência que exerceu nas produções correlatas em sua época e nas de seus pósteros, fundando uma tradição.

Palavras-chave

Literatura infantil e juvenil; história; Lourenço Filho; literatura infantil e juvenil; pesquisa histórica.

Introdução

Na história da literatura infantil e juvenil brasileira, a produção *sobre e do* gênero do educador brasileiro Manoel Bergström Lourenço Filho (1897-1970) tem sido pouco lembrada e estudada. No

Abstract

In this text, I take into consideration about aspects of Manoel Bergström Lourenço Filho's (1897-1970) production *about and of* infantile and juvenile literature, published between 1942 and 1968, aiming to comprehend the relation between this production and the place held by Lourenço Filho in the infantile and juvenile Brazilian literature history. Although this production is still not much known and explored, I proceed from the assumption of its importance, given significant influence it exerted on related productions in his time and of their posterity, establishing a tradition.

Keywords

Infantile and juvenile literature history; Lourenço Filho; infantile and juvenile literature; search history.

entanto, pioneira e sistematicamente, Lourenço Filho, em sua atuação profissional nesse âmbito, exerceu significativa influência na produção *sobre e de* literatura infantil e juvenil de sua época devido, sobretudo, a uma numerosa e variada atuação na constituição da literatura infantil brasileira.² Tal influência funda uma tra-

¹ Professora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba/MS. Doutora em Educação pela Unesp/Marília. E-mail: estela@uem.br

² Dentro dessa atuação, posso destacar: a produção escrita de artigos literários e de crítica literária, em 1915 e 1916; de textos sobre leitura, livros e literatura infantil e juvenil, a partir de 1920; da Série Histórias do Tio Damião, de 1942 a 1958; e do livro *São Paulo*, em 1954; a revisão de textos da Coleção Biblioteca Infantil, de 1926 a 1957; a atuação como consultor editorial da Companhia Melhoramentos de São Paulo, emitindo pareceres e orientando autores e/ou adaptadores de textos para crianças, a partir de 1926; a presidência da Comissão Nacional de Literatura Infantil, em 1936 e 1937, entre outras atuações indiretas.

dição,³ característica de determinada época, que serve de referência também a seus pósteros, influenciando sobremaneira a produção *sobre e de* literatura infantil e juvenil até os dias atuais.

Neste texto, numa tentativa de ensaio, retomo aspectos da produção de Lourenço Filho *sobre e de* literatura infantil e juvenil, a fim de compreender a relação entre essa produção e o lugar ocupado por ele no âmbito da história da literatura infantil e juvenil brasileira.

1. A produção *sobre* literatura infantil e juvenil

Na produção *sobre* literatura infantil e juvenil brasileira, o artigo “Como aperfeiçoar a literatura infantil”, de Lourenço Filho (1943), configura-se como pioneiro na tematização do gênero, uma vez que vem contribuir para a produção de estudos específicos *sobre* literatura infantil e juvenil que até então, de acordo com Mortatti (2000), eram geralmente encontrados em formato de prefácios de livros e artigos em periódicos versando sobre livros para crianças, especialmente, para leitura escolar.⁴

O pioneirismo consiste, principalmente, no tratamento mais sistematizado dado à literatura infantil e juvenil, comparativamente aos outros textos *sobre* o gênero que o antecederam, uma vez que, nesse texto, Lourenço Filho esboça uma história, formula uma teoria e expõe princípios para uma crítica específica do gênero. Por meio desse tipo de tratamento, Lourenço Filho organiza dados e os problematiza, a fim de apresentar um balanço da produção *de* literatura infantil e juvenil, determinar e realçar a especificidade do gênero, contribuir para o aperfeiçoamento da produção e “[...] oferecer sugestões para seu mais demorado estudo.” (LOURENÇO FILHO, 1943, p. 169).

Como se pode constatar, a partir de então, em sua grande maioria, os estudos *sobre* literatura infantil e juvenil apresentam essas

mesmas preocupações e, por vezes, reiteram muitos dados organizados por Lourenço Filho no referido artigo, especialmente os históricos. O autor, no entanto, ao longo de sua produção *sobre* literatura infantil e juvenil, aproveita-se, de modo mais resumido, do esboço histórico traçado por ele no texto de 1943, relegando a um segundo plano a crítica à produção *de* literatura infantil e juvenil. Os conceitos teóricos, por sua vez, permanecem os mesmos em sua produção *sobre* literatura infantil e juvenil, nos quase trinta anos em que foi publicada.

A opção pelo magistério, propiciada por sua formação escolar, no entanto, apontou novas possibilidades a Lourenço Filho, que se empenhou no movimento da Escola Nova brasileira, visando à reforma da educação escolar, para superar as formas tradicionais de ensino, como modo de operar mudanças essenciais na sociedade, então em processo de modernização. A função de consultor editorial e de revisor, orientador, organizador e prefaciador, de inúmeros livros de cunho escolanovista e de literatura infantil e juvenil, na Companhia Melhoramentos de São Paulo, ao que tudo indica, delimitou essas possibilidades, permitindo-lhe utilizar-se do impresso como arma (CARVALHO, 2002) e pensar mais pontualmente a educação renovada por meio da disseminação da leitura como instrumento de alcance da cultura e de combate ao analfabetismo, para formação do cidadão, das elites dirigentes e de mão de obra especializada. Os estudos em psicologia e o conhecimento da criança propiciado por essa ciência, fonte da educação, apontaram, a meu ver, para a questão da literatura infantil e juvenil.

A incipiente produção *de* literatura infantil e juvenil – com crescente aumento quantitativo, mas não qualitativo – e a escassa produção *sobre* o gênero, à época da produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil, foram, também, duas grandes motivações para sua tematização pioneira.

³ A expressão “funda uma tradição” foi inspirada em Mortatti (1997; 2000), que a utilizou em relação à alfabetização. No sentido deste texto, apliquei-a à produção de Lourenço Filho *sobre e de* literatura infantil e juvenil, atribuindo-lhe também o sentido empregado pela autora, como o de desvencilhar do passado e propor o novo, visando a impor-se como legado histórico a seus pósteros.

⁴ Referências completas da produção *sobre* literatura infantil e juvenil, brasileira desde 1879 – ano da primeira tematização localizada –, podem ser consultadas no acervo do Grupo de Pesquisa História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil (GPHELLB), localizado na FFC-Unesp-Marília.

Assim, a correlação entre o pensamento do estudioso e o do educador, psicólogo e consultor editorial na formação e atuação de Lourenço Filho e, ainda, a importância que aspectos da educação escolar renovada tiveram em sua vida e obra, permitem a constatação do modo ambíguo, mas não incoerente, que Lourenço Filho empregou na tematização da literatura infantil e juvenil: concepções estéticas e literárias combinaram-se com concepções educacionais, psicológicas e editoriais, uma vez que a literatura infantil tematizada por esse intelectual faz parte de um projeto maior de educação.

Desse modo, partindo do pressuposto de que a criança tem necessidade inerente de formação, no que diz respeito a seu mundo interior, e de que a leitura exerce uma ação cultural, influenciando a formação de valores lógicos, sociais e morais, a literatura infantil e juvenil, para Lourenço Filho, é instrumento de ação educativa. Essa ação, de acordo com o autor, é uma questão de brasilianismo, ou seja, de progresso social.

A formação propiciada pela leitura de literatura infantil e juvenil ao seu destinatário fazia-se necessária, porque, segundo Lourenço Filho, a criança tem a personalidade nascente e é na infância que se prepara o homem futuro e o consumidor das boas letras. Desse modo, a literatura infantil tanto equilibra quanto desequilibra a personalidade da criança, que mais alcança equilíbrio quanto mais elevado for o nível artístico da literatura infantil.

Desse modo, o *belo* está a serviço do *bem*. Em outras palavras, a qualidade literária do gênero correspondia à qualidade educativa propiciada, estando a estética a serviço de razões externas a ela, para agir sobre a criança leitora.

Esse parece ser o papel a ser desempenhado pela literatura infantil e juvenil tematizada por Lourenço Filho. Embora a função capital desse gênero seja a de sugerir o *belo*, este deve girar em torno dos recursos da mentalidade da criança.

O pensamento da criança é diferente, por sua estrutura e funcionamento, do pensamento do adulto. O caráter dominante, que parece condicionar todos os outros, é o egocentrismo – ou seja, a capacidade de relacionamento com os quadros da lógica coerente. A criança *ouve* o seu pensamento, sofre-lhe a ação mágica sem o contraste do pensamento socializado dos adultos. Serve de início apenas à satisfação de interesses imediatos, não à pesquisa da verdade. Ou, como diz um dos mais autorizados psicólogos da infância – Jean Piaget – *tem uma função o jogo, o prazer da atividade pela atividade, revestindo-se de uma forma de imaginação quasi alucinatória, na qual os desejos apenas esboçados são já sentidos quasi como realizados*. O pensamento infantil, nos primeiros anos, é assim, como o do primitivo, impermeável à experiência. Daí, as explicações artificialistas, animistas, e daí, também, o sincretismo e a justaposição das representações. É nesse mundo de sonho, de ilusão e de evasão, comum a todas as crianças, que se encontra, porém, a fonte da poesia da alma infantil. No seu poder de fabulação é que reside, propriamente, o segredo da arte de fazer viver a criança na literatura. (LOURENÇO FILHO, 1948, p. 106-107, grifo do autor).

Como se pode perceber, a criança é vista pela ótica da psicologia, e Lourenço Filho não apenas ensina como essas crianças devem ser, nem apenas aponta o que o adulto deve saber sobre elas, mas também contempla a criança e sua interioridade.

Por meio dessa ótica e compreendendo uma estética evolutiva na criança, com níveis de desenvolvimento, e diferenciada de acordo com as várias idades, o autor revela cuidados com o que possa servir de motivo para interesses normais e sadios, reprovando situações de medo ou terror nos livros de literatura infantil e juvenil.⁵

Em relação ao que foi exposto até aqui, literatura infantil e juvenil, segundo Lourenço Filho, são os livros escritos para crianças e jovens que têm como função primacial servir para deleite do espírito e evasão e, por isso, são fontes de sugestão e de recreação. Sugestão e recreação remetem àquele modo ambíguo utilizado por Lourenço

⁵ Estudando a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da personalidade infantil, Bruno Bettelheim tenta mostrar o contrário disso. Para esse autor, histórias desse tipo “[...] representam sob forma imaginativa aquilo em que consiste o processo sadio de desenvolvimento humano [...]”. (BETTELHEIM, 1980, p. 18).

Filho: o fim prático e criador positivo da arte. A ambiguidade, assim, está diretamente relacionada com a intersecção de concepções educacionais e psicológicas que norteavam a produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil, articuladas a concepções estéticas e literárias, conforme já mencionado.

Em vista disso, as concepções estéticas e literárias de composição e organização de textos do gênero também se encontram em função da adequação educativa, proposta por Lourenço Filho. Harmonia, graça, sugestão e naturalidade são algumas das características do livro de literatura infantil e juvenil, conseguidas, de acordo com Lourenço Filho, por meio da adequação dos livros aos interesses naturais (temas e apresentação dos temas), à linguagem, à estrutura própria das várias idades; da utilização de poucos personagens, diálogos, notas descritivas, pequenas digressões, ação direta, narrativas movimentadas, surpresa, humor; da capacidade de ligar o real ao imaginário; da conciliação aos interesses das editoras. As concepções estéticas e literárias do autor apresentam-se combinadas em diferentes critérios, ora formais, ora conteudísticos, ora editoriais, talvez dada a incipiente teorização da época.

As poucas mudanças ocorridas nos conceitos teóricos ao longo da produção de Lourenço Filho *sobre* literatura infantil e juvenil encontram-se relacionadas a sua ligação a um projeto de educação, mantido e sustentado nessa produção, especialmente, pelos princípios que respondiam às urgências educacionais e culturais das décadas de 1920 e 1930.

A partir da década de 1940, esses princípios tornam-se hegemônicos e Lourenço Filho reafirma seu papel, pois tanto sua atuação quanto sua produção escrita crescem e acentuam-se a partir daí, contemplando aspectos da educação escolar até então esquecidos ou relegados a um segundo plano, como a leitura e a literatura infantil.

Ao manter os princípios que serviram às aspirações das décadas de 1920 e 1930 em toda sua obra e, no caso específico de que trata este texto, em sua produção *sobre* literatura infantil e juvenil, Lourenço Filho advogou ideais modernos em sua época e contribuiu para a permanência desses ideais ao longo do tempo, muitos dos quais, certamente, por serem impermeáveis ao tempo, tornaram-se tradicionais aos olhos do presente.

A influência alcançada por essa produção, no entanto, extrapolou sua época, o que mais uma vez pode ser explicado pela atuação estratégica de Lourenço Filho e também pela ausência de história, teoria e crítica específicas de literatura infantil, além do caráter pioneiro, fecundo e original dessa produção.

2. A produção de literatura infantil

A produção de literatura infantil e juvenil de Lourenço Filho divide-se entre a produção de livros originais, a orientação a autores e adaptadores/tradutores e a revisão de textos do gênero. Neste texto, destaco a Série Histórias do Tio Damião, com os seguintes títulos: *Totó* (1942), *Baianinha* (1942), *Papagaio Real* (1943), *Tão pequenino...* (1943), *Saci-Pererê* (1944), *O indiozinho* (1944), *A irmã do indiozinho* (1946), *A Gauchita* (1946), *A formiguinha* (1946), *No circo* (1946), *Maria do Céu* (1951), *E eu, também...* (1951).

Essa Série participa das renovações de sua época na produção de literatura infantil, não no que diz respeito aos fermentos renovadores da então atuante geração modernista, mas, especialmente, no diálogo que mantém com essa produção, quanto às condições de emergência dos textos do gênero – produção, difusão, circulação –, às condições de aprendizagem da leitura, às instâncias legitimadoras – escola e mercado – e à imagem da criança leitora e da leitura. Assim, essa Série corresponde à progressiva emancipação das condições de produção de literatura infantil de sua época, relacionadas, sobretudo, às mudanças operadas na sociedade e não às mudanças havidas na arte nacional.

O aumento populacional, a consolidação de grupos urbanos, em decorrência do avanço industrial, e o aumento da escolarização desses grupos consistem nas principais mudanças sociais relacionadas à ampliação das condições de produção de literatura infantil a que Histórias do Tio Damião corresponde, sendo a quantificação e a qualificação do público leitor o maior vínculo da literatura infantil com as urgências educacionais e culturais da época, fomentando o mercado editorial de livros para crianças, didáticos e de literatura infantil.

Assim, os limites escolares foram os espaços de diálogo da produção de literatura infantil, e a ampliação do mercado de livros para

crianças foi o resultado desse diálogo a partir da década de 1930, do qual a Série Histórias do Tio Damião participou.

Do mesmo modo, o crescimento quantitativo da produção de literatura infantil, a partir da década de 1940, demonstrava que o mercado era favorável aos livros que, como instrumento de cultura, promoviam reformas na educação necessárias para a reforma social. A Série Histórias do Tio Damião participou desse mercado favorável, não somente investindo no aumento do número de tiragens e edições, mas também nas inovações gráficas. Além disso, a Série contribuiu para a continuidade do mercado favorável sendo publicada durante dezesseis anos.

Entre as estratégias editoriais que podem justificar essa permanência, estão, sobretudo: a etiqueta Lourenço Filho,⁶ a especialização da editora e a circulação desses livros em uma série.

A etiqueta Lourenço Filho era dispositivo de legitimação do empreendimento editorial e, por isso, garantia de permanência para a Série Histórias do Tio Damião. Em relação à importância da Companhia Melhoramentos de São Paulo, esta empenhou-se pioneira e sistematicamente na empresa renovadora da educação escolar, mudando o perfil dos livros de e para educação.

As séries pressupunham um mesmo projeto gráfico para todos os livros; o trânsito de personagens de uma história a outra; a destinação a uma faixa etária específica, quanto ao tema e sua apresentação, à linguagem, à extensão dos livros e aos interesses da idade do leitor. Eram preferidas pelos editores e constituíam garantia de efetivação da intenção natural da editora: vender, o que foi conseguido com Histórias do Tio Damião que, além do longo período de circulação, caracterizou-se, também, por uma boa média de reedições e de número de tiragens, dando mostra da importância da literatura infantil de Lourenço Filho.

A organização da Biblioteca Infantil, a partir de 1926, e a função de consultor editorial na Companhia Melhoramentos de São Paulo são as atividades exercidas por Lourenço Filho que parecem ter tido papel fundamental na configuração da Série Histórias do Tio

Damião. O contato com o acervo de histórias tradicionais, orientadas e revisadas por Arnaldo de Oliveira Barreto, e com os originais, as traduções e as adaptações, que aspiravam à publicação, além de seu trabalho de correção do fundo e da forma desses trabalhos, levaram o autor a produzir seus próprios livros de literatura infantil, como exemplo a ser seguido.

Para a produção da Série, Lourenço Filho valeu-se de estudos em educação e em psicologia – como ele afirma –, estando a Série a serviço de um projeto de educação; e a criança, vista pela ótica da psicologia. Essa afirmação é possível, uma vez que a Série é produzida, em sua organização, do mesmo modo que o autor pensa um bom conjunto de leitura, ou seja, como uma série escolar.

Segundo Lourenço Filho (1957):

Uma boa série de leitura deverá proporcionar inicialmente conhecimentos em relação à *vida do lar*, que se estenderá depois a assuntos que as crianças possam observar na *vizinhança* ou na *comunidade próxima*; ainda depois, as ampliará quanto à região e ao *conjunto do país*; e, enfim, em relação a outras terras e países ou a todo *mundo da cultura*. Em tudo isso, os livros devem dar às crianças uma crescente compreensão das *relações humanas*, de modo a bem dispô-las a atitudes e propósitos na vida do lar, da escola, da comunidade em geral. Deverá, enfim, concorrer para o alargamento dos interesses, com a ampliação de propósitos e projetos de vida, isto é, tornando-se realmente educativa. (p. 15, grifos do autor).

Assim, embora a Série Histórias do Tio Damião seja literatura infantil por seu funcionamento e de acordo com a intenção de seu autor, que produziu uma série de leitura escolar separada das Histórias do Tio Damião,⁷ a organização dessa nova série revela sua estreita relação com a educação, o que a aproxima da obra de Lourenço Filho em favor da reforma da educação escolar.

Na produção de Histórias do Tio Damião, Lourenço Filho adogou ideais modernos em relação às urgências educacionais e culturais de sua época, no entanto, tradicionais aos olhos do presente,

⁶ Expressão tomada de Carvalho e Toledo (2004).

⁷ Trata-se da Série de Leitura Graduada Pedrinho (1953-1957).

uma vez que pressupunham ideias a respeito da importância da educação para civilização, para ingresso na modernidade, com culto da Razão; ideias ufanistas e neutras da pátria; ideias de unificação cultural do que era regional e fragmentado, reconhecendo o Brasil como um conjunto diversificado, mas solidário; uso da figura de Deus, como estado de espírito e dimensão estética; apreensão de regiões, como o Nordeste brasileiro; tematização da infância e do índio; utilização do folclore.

Essas ideias e orientações não deixavam de responder a alguns temas e problemas levantados pelo movimento literário modernista. Todavia, salientam-se diferenças em relação às intenções com que eram utilizadas; a perspectiva adotada na Série relaciona essas ideias e orientações ao momento anterior de produção da literatura infantil brasileira, na época de seu aparecimento; Histórias do Tio Damião articula-se aos princípios que respondiam a urgências educacionais e culturais das décadas de 1920 e 1930.

Assim, se por um lado, a Série mantém-se coerente com a produção de sua época, de outro, vincula-se a uma tradição herdada e aproxima-se exatamente da produção de que seu autor dizia discordar: a de textos moralizantes e insossos.

Embora, muitas vezes, essa Série se apresente como uma espécie de réplica ao que se propunha e se fazia em relação à produção de literatura infantil anterior a ela – a questão do medo, comum à literatura infantil; a ausência de destinação específica à criança, por faixa de idades, por exemplo –, manteve-se distante das aspirações e das renovações da literatura (para adultos) de sua época, distanciando-se do compromisso firmado por Lourenço Filho de pensar e fazer literatura infantil como arte e não como pedagogia.

A permanência da Série, no entanto, é assegurada tendo em vista que elementos consolidados pelas relações estabelecidas entre a Série Histórias do Tio Damião e livros de autores como Tales de Andrade, Olavo Bilac e Manoel Bonfim vêm integrar-se ao espírito de época, sobretudo nas décadas de 1930 e 1940, quando a ampliação da escola primária aumentou o número de leitores e o regime autoritário e centralizador explorou o veio patriótico e nacionalista.

Produto de um processo de modernização da sociedade, a permanência da Série Histórias do Tio Damião decorre do fato de que suas

histórias aproximam a criança leitora das peculiaridades de sua época e retratam os cuidados dispensados para essa literatura infantil, contribuindo para a *maioridade* do gênero.

3. Conclusão

Por ser resultado de um projeto de educação, a produção de Lourenço Filho *sobre e de* literatura infantil busca responder a urgências educacionais e culturais, seja para suprir faltas e necessidades – de tematização da literatura infantil num primeiro plano, de produção original brasileira, com realidade brasileira, para crianças brasileiras, apostando nas renovações gráficas –, seja para agir como réplica ao que se propunha e se fazia na literatura infantil da época, por isso se distancia dos aspectos sociopolíticos do período histórico de circulação da produção, os anos de 1940 a 1960. Lourenço Filho não tematiza a guerra ou o período ditatorial, por exemplo, apostando que a criança é pura e não precisa dessa época de horror, por isso produz uma literatura infantil aparentemente neutra.

Isso se dá em virtude do princípio básico do pensamento de Lourenço Filho: a literatura infantil serve para *formar* a criança, no sentido de amadurecimento interno do leitor como ser em formação – amadurecimento que orienta as opções constitutivas dos livros do gênero. Essa formação, no entanto, corresponde ao seu projeto de educação, que implica formação de valores lógicos, sociais e morais, para o progresso social.

Em Histórias do Tio Damião os aspectos mais práticos e diretivos desse projeto são concretizados, e a formação pretendida aproxima-se da transmissão de normas, sob a ótica temática, realçando a égide familiar, o bom comportamento, o ensino, a racionalidade, o trabalho, a pátria.

Embora a crítica literária atual pareça não aceitar que a literatura seja considerada, prioritariamente, pelo princípio da utilidade, que desequilibraria sua constituição artística, aí reside a influência de Lourenço Filho na produção *sobre e de* literatura infantil a partir de sua obra. Por tematizar pioneiramente e concre-

tizar competitivamente o gênero, Lourenço Filho, perspicaz, fundou uma tradição.

O silêncio imposto à produção de Lourenço Filho *sobre e de literatura infantil* – e a tantos outros escritores das décadas de 1940 a 1960 –, no presente, é a negação da compreensão de uma tradição característica de uma determinada época que serve de referência a seus pósteros, exercendo influências na produção *sobre e de literatura infantil e juvenil* até os dias atuais, dadas a força e a importância.

Referências bibliográficas

- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CANDIDO, Antonio. A revolução de 30 e a cultura. In: CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989. p. 181-188.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Pedagogia da Escola Nova, produção da natureza infantil e controle doutrinário da escola. In: FREITAS, Marcos Cezar de; KUHLMANN JR., Moysés (Org.). *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 373-408.
- _____; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. A coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação organizada por Lourenço Filho. In.: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2., 2004, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004.
- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-169, 1943.
- _____. A criança na literatura brasileira. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, v. 2, n. 44, p. 85-117, dez. 1948.
- _____. Literatura infantil e juvenil. In: CRUZ, José Marques da. *História da literatura*. São Paulo: Melhoramentos, 1957. p. 577-584.
- MAGNANI, Maria do Rosario Longo Mortatti. Testes ABC e a fundação de uma tradição: alfabetização sob medida. In: MONARCHA, Carlos (Org.). *Lourenço Filho: outros aspectos*, mesma obra. Campinas: Mercado de Letras; Unesp, 1997. p. 59-90.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura: Teoria & Prática*, n. 36, p. 11-17, dez. 2000.

Recebido em fevereiro de 2008 e aceito em maio de 2009.